LIVRO VERMELHO DOS MAMÍFEROS DE PORTUGAL CONTINENTAL

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.)(2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCiências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental.* FCiências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCiências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

https://livrovermelhodosmamiferos.pt

Cofinanciado por:

Beneficiário:

Parceiro:

Entidades participantes:

Apoios:

RES
EN

Rhinolophus euryale Blasius, 1853

Morcego-de-ferradura-mediterrânico

Taxonomia
Chiroptera, Rhinolophidae

Ocorrência
Residente – **Res**

Categoria
EM PERIGO – EN B2ab(iii,iv)
Fundamentação: Área de ocupação reduzida (<500 km²) e baixo número de localizações confirmadas (< 5). Estima-se um declínio continuado da qualidade do habitat e do número de localizações. População reduzida (estimada entre 1000 e 5000 indivíduos maturos), sendo que as maiores subpopulações incluem poucas centenas de indivíduos (≤500).
A alteração da categoria de ameaça em relação à última avaliação (Cabral *et al.* 2005) não resulta de uma verdadeira alteração do risco de extinção da espécie, mas sim de uma intensificação da amostragem e aumento do conhecimento no país.

Distribuição
Global: Ocorre na região mediterrânica, abrangendo quase todo o sul da Europa entre as Penínsulas Ibérica e Balcânica (ausente em Creta), áreas isoladas no sul da Eslováquia e norte da Hungria, para além do noroeste de África. Surge ainda no Próximo-Oriente (Dietz *et al.* 2009, Juste & Alcalde 2016, Hutson *et al.* 2019, Garin & Goiti 2020).
Portugal: Ocorre predominantemente na zona centro e norte do país, em regiões cársicas e onde existem antigas explorações mineiras. Parece ser mais rara no Alentejo e está ausente do Algarve (Alves 2013).

População e Tendência
População: A maturidade sexual dos machos é atingida entre os 15 e 24 meses e das fêmeas aos 2 ou 3 anos (Dietz *et al.* 2009, Hutson *et al.* 2019, Garin & Goiti 2020). Tem uma longevidade de cerca de 13 anos (Dietz *et al.* 2009, Hutson *et al.* 2019) e o tempo geracional é estimado em 9 anos (Pacifici *et al.* 2013). A população nacional está estimada em menos de 10 000 indivíduos. Em Portugal, o número médio de indivíduos em colónias de hibernação com mais de 10 indivíduos é na ordem dos 275 indivíduos. As colónias de maternidade podem atingir um máximo de 330 indivíduos (ICNF 2014), conhecendo-se apenas quatro abrigos de criação. A tendência populacional não é clara, provavelmente devido à descoberta de novas colónias e à eventual confusão de identificação com *R. mehelyi* (ICNF 2014, Garin & Goiti 2020).
Tendência: Desconhecida.

Habitat e Ecologia
Espécie tipicamente cavernícola, utiliza grutas e minas ao longo de todo o ano, mas pode também ocupar edifícios, estes mais associados a colónias de maternidade (Goiti *et al.* 2006, ICNF 2014, de Paz *et al.* 2015). É uma espécie sedentária que realiza movimentos sazonais de poucas dezenas de quilómetros entre abrigos de hibernação e maternidade (Dietz *et al.* 2009, Garin & Goiti 2020). Alimenta-se predominantemente de borboletas noturnas (Goiti *et al.* 2004, Goiti *et al.* 2008), que caça na orla ou no interior de áreas de vegetação densa com coberto arbóreo bem desenvolvido, como manchas de vegetação ripícola, sebes e florestas de folhosas autóctones (Russo *et al.* 2002, Aihartza *et al.*

Rhinolophus euryale ©Ana Rainho

2003, Goiti *et al.* 2006, Salsamendi *et al.* 2012), situadas geralmente num raio de 5 km ao redor dos abrigos (Russo *et al.* 2005, Goiti *et al.* 2008, Barataud *et al.* 2012, Salsamendi *et al.* 2012).

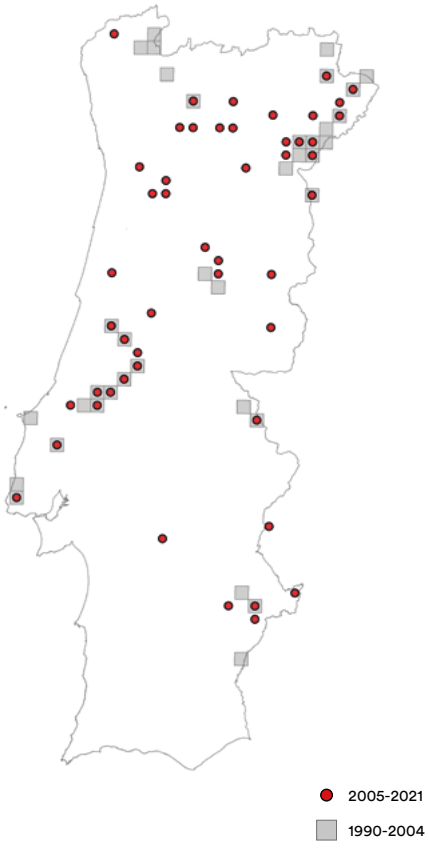
Fatores de Ameaça

Espécie bastante sensível à perturbação nos abrigos, podendo abandoná-los rapidamente (Dietz *et al.* 2009). Em Portugal é dependente de um reduzido número de abrigos, alguns dos quais são alvo de perturbação regular, tendo-se observado o abandono recente de dois abrigos de hibernação. Alguns abrigos estão também ameaçados por reativação da exploração mineira (ICNF 2014). A perda e/ou fragmentação de habitat e o uso de pesticidas em áreas florestais, corredores ripícolas e pomares, são também possíveis fatores indutores de declínio das populações (Dietz *et al.* 2009, Juste & Alcade 2016, Hutson *et al.* 2019). O atropelamento poderá também ter um papel relevante no declínio populacional, principalmente em troços de estradas próximos de colónias (Barataud *et al.* 2012).

Medidas de Conservação

A proteção legal e física dos abrigos é um imperativo de conservação, condicionando o acesso de humanos, com vedações adequadas (Rodrigues 1996), e interditando a atividade turística nesses locais (Dietz *et al.* 2009). A correta gestão dos habitats na envolvente dos abrigos é igualmente importante, por exemplo, através da prevenção da sua fragmentação, da preservação ou criação de corredores arbóreos que liguem as principais áreas de alimentação e da preservação dessas áreas (Dietz *et al.* 2009). Ainda importante será a prevenção de reduções significativas de densidade de presas, através da racionalização do uso de pesticidas nas florestas e corredores ripícolas, assim como na prevenção do efeito de atração provocado pela iluminação noturna (Dietz *et al.* 2009).
Importa também manter a monitorização das populações e fomentar a realização de estudos que permitam identificar outros fatores de ameaça e estabelecer medidas de conservação mais dirigidas (Cabral *et al.* 2005).

—



Legenda do Mapa
Ocorrências confirmadas de morcego-de-ferradura-mediterrânico *Rhinolophus euryale* em Portugal Continental nos períodos entre 1990 e 2004 e entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:
Alves P & Rainho A (2023). *Rhinolophus euryale* morcego-de-ferradura-mediterrânico. *In* Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCiências.ID, ICNF, Lisboa.